



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 05/06/2026 e 11/06/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
05/06/2026	11,21	308,50	74,12	5,80	4,17
08/06/2026	11,15	302,70	74,56	5,83	4,18
09/06/2026	11,13	301,10	74,91	5,85	4,19
10/06/2026	11,23	301,90	75,33	5,87	4,19
11/06/2026	11,15	301,70	74,45	5,86	4,11
Média	11,17	303,18	74,67	5,84	4,17

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	115,00	
RS – Não Me Toque	115,00	
PR – Pato Branco	114,50	
PR – M.C.Rondon	112,00	
MT – C.N.Parecis	101,00	
MS – Maracaju	115,00	
GO - Rio Verde	112,50	
BA – L.E.Magalhães	113,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	64,00	CIF
Porto de Paranaguá	68,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	58,00	
SC – Rio do Sul	60,00	
PR – M.C.Rondon	51,00	
PR – Pato Branco	57,00	
MT – C.N.Parecis	42,00	
MS – Maracaju	52,00	
SP – Itapetininga	60,00	
SP – Campinas	65,00	CIF
GO – Rio Verde	50,00	
GO – Jataí	50,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Não Me Toque	69,00	
PR – Pato Branco	70,00	
PR – M.C.Rondon	70,00	

Período: 10/06/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 11/06/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	58,98	115,00	66,80

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
11/06/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	57,67
Feijão (saco 60 Kg)	178,56
Sorgo (saco 60 Kg)	50,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,15
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,51**
Boi gordo (Kg vivo)*	12,05

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Abril/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, despencaram mais uma vez nesta semana, com o bushel chegando a atingir US\$ 11,13 no dia 09/06, a mais baixa cotação, para o primeiro mês cotado, desde o início de fevereiro passado. O farelo igualmente recuou, chegando a US\$ 301,10/tonelada curta no mesmo dia, enquanto o óleo de soja recuou para 74,12 centavos de dólar por libra-peso ainda no dia 05/06. Posteriormente, o mercado melhorou um pouco, com o fechamento da quinta-feira (11) ficando em US\$ 11,15/bushel, porém, não o suficiente para chegar aos US\$ 11,28 de uma semana antes. Esse movimento, mesmo com a continuidade das tensões no Oriente Médio, ocorreu diante do bom andamento da nova safra nos EUA e na expectativa do relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste dia 11/06.

O referido relatório apontou, para a safra 2026/27, os seguintes principais números:

- 1) Foi mantida a estimativa de produção nos EUA em 120,7 milhões de toneladas e os estoques finais naquele país em 8,4 milhões;
- 2) A produção mundial foi fixada em 441,3 milhões de toneladas, praticamente sem alterações em relação a maio, assim como os estoques finais mundiais, que ficaram em 124,9 milhões de toneladas;
- 3) A produção estimada para o Brasil e a Argentina ficou em 186 e 50 milhões de toneladas respectivamente;
- 4) As importações da China também foram mantidas, neste caso em 114 milhões de toneladas;
- 5) O preço médio ao produtor de soja estadunidense, para 2026/27, está projetado em US\$ 11,40/bushel.

Por sua vez, o plantio da nova safra de soja estadunidense alcançava 92% da área esperada no dia 07/06, contra 88% na média. Ao mesmo tempo, houve pequeno recuo no percentual das lavouras em condições entre boas a excelentes, com as mesmas passando de 66% para 65% na mesma data. Em condições regulares havia 29% e entre ruins a muito ruins apenas 6%.

Já pelo lado da demanda, as importações chinesas de soja recuaram 15,3% em maio, comparativamente com maio do ano passado, porém, o volume foi o terceiro maior registrado para o mês na história destas compras. O total ficou em 11,8 milhões de toneladas, contra 13,9 milhões um ano antes. Nos primeiros cinco meses do ano a China recebeu 36,9 milhões de toneladas de soja, com recuo de 0,4% sobre o mesmo período do ano anterior. Por sua vez, o Brasil exportou 14,8 milhões de toneladas de soja em maio, sendo a China o maior comprador. De forma geral, o mercado espera que a China compre mais soja dos EUA daqui em diante, após as negociações com os EUA em meados de maio. Todavia, até o momento, os chineses não realizaram grandes compras neste mercado.

No Brasil, mesmo com o recuo em Chicago, a desvalorização do Real para R\$ 5,17 por dólar durante a semana permitiu uma pequena melhoria nos preços internos da soja, com as principais praças gaúchas voltando a R\$ 115,00/saco, enquanto no restante do país os valores oscilaram entre R\$ 101,00 e R\$ 115,00/saco.

Dito isso, espera-se exportações de 14,4 milhões de toneladas de soja em junho, contra 13,8 milhões no mesmo mês do ano passado. A expectativa é que o Brasil exporte 72,9 milhões de toneladas de soja no primeiro semestre de 2026. Já os embarques de farelo de soja devem alcançar 2,3 milhões de toneladas em junho (cf. Anec).

Enfim, o Sistema Famato informou que o vazio sanitário da soja começou dia 08/06 no Mato Grosso e irá até o dia 07/09. Durante esse período é proibida a existência de plantas vivas em lavouras, margens de rodovias, áreas de armazenamento e demais locais onde possa haver germinação espontânea.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, igualmente voltaram a recuar nesta semana, atingindo a US\$ 4,17/bushel no dia 05/06, a mais baixa cotação desde o dia 15/10/2025. Já o fechamento da quinta-feira (11) foi ainda pior, ficando em US\$ 4,11/bushel, contra US\$ 4,23 uma semana antes. Pesou para isso o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado neste dia 11.

O mesmo indicou, para o milho, no novo ano de 2026/27, os seguintes principais números:

- 1) A produção estadunidense de milho foi mantida em 406,3 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais estão estimados em 49,8 milhões;
- 2) A produção mundial de milho foi aumentada para 1,3 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais ficam estimados em 281,2 milhões, ganhando quase 4 milhões sobre o relatório de maio;
- 3) A produção brasileira e argentina ficariam em 139 e 55 milhões de toneladas respectivamente;
- 4) O Brasil deverá exportar 44 milhões de toneladas de milho no ano comercial indicado, contra 80 milhões por parte dos EUA e 38 milhões de toneladas da Argentina;
- 5) O preço médio ao produtor estadunidense do cereal, em 2026/27, está projetado em US\$ 4,40/bushel.

Dito isso, o plantio do milho nos EUA atingiu a 97% da área no dia 07/06, contra a média de 96% para a data. Por sua vez, 67% das lavouras estavam entre boas a excelentes, contra 71% na mesma época do ano passado. Outras 27% estavam regulares e 6% entre ruins a muito ruins.

E no Brasil os preços se estabilizaram, com as principais praças gaúchas mantendo os R\$ 58,00/saco, enquanto no restante do país os preços oscilaram entre R\$ 42,00 e R\$ 60,00/saco, dependendo da região.

Vale destacar que os compradores estão relativamente afastados do mercado físico de pronta entrega, pois estão estocados para o consumo de curto prazo e na expectativa da entrada da nova safra. Além disso, o recuo nos preços internacionais do milho ajudam para esta tomada de decisão, pois pressionam para baixo os preços internos do cereal. Já pelo lado dos vendedores, quem não precisa fazer caixa ou liberar

armazéns, tenta segurar as vendas esperando melhoria dos preços nos meses futuros diante da expectativa de uma safrinha menor.

Enquanto isso, a colheita da safrinha, até o dia 04/06, teria chegado a 4,4% da área no Centro-Sul brasileiro, com a expectativa de colheita final em 108,2 milhões de toneladas para a safrinha (cf. AgRural). Somando este volume ao que espera a Conab para a primeira e terceira safras, o país chegaria a uma produção total de 139,9 milhões de toneladas. A colheita da safrinha, em todo o Brasil, atingia a 3% da área no dia 05/06 (cf. Conab).

Particularmente no Mato Grosso, o maior produtor nacional de milho, a colheita chegava a 5,8% da área no dia 05/06, contra a média histórica de 6,8% nesta data. A produção mato-grossense é esperada em 53,4 milhões de toneladas (cf. Imea).

Diante de tal quadro, por enquanto os preços do milho tentam se ajustar, também sob pressão da maior competitividade do produto argentino (cf. Cepea).

Enfim, as exportações brasileiras de milho, nos primeiros quatro dias úteis de junho, atingiram a 126.062 toneladas, representando 34% de tudo o que foi exportado em junho do ano passado. A média diária foi 70,6% superior à média de todo o mês de junho de 2025.

MERCADO DO TRIGO

O primeiro mês cotado confirmou o recuo em seus valores, iniciado no final da semana anterior, chegando a US\$ 5,80/bushel no dia 05/06. Posteriormente, houve pequena melhora, diante dos números provenientes do novo relatório de oferta e demanda do USDA, com o fechamento da quinta-feira (11) ficando em US\$ 5,86/bushel, contra US\$ 5,81 uma semana antes.

O relatório do USDA, para o ano 2026/27, indicou o seguinte:

- 1) A produção dos EUA foi reduzida em cerca de 500.000 toneladas, ficando estimada, agora, em 42 milhões de toneladas;
- 2) Os estoques finais dos EUA recuam na mesma dimensão, ficando em 20,2 milhões de toneladas;
- 3) A produção mundial de trigo alcançaria 820,1 milhões de toneladas, ganhando um milhão sobre maio, porém, abaixo das 844,4 milhões do ano anterior;
- 4) Já os estoques finais estadunidenses do cereal ficam estimados em 275,4 milhões de toneladas;
- 5) A produção da Argentina alcançaria 21 milhões de toneladas e a do Brasil 6,7 milhões;
- 6) O Brasil deverá importar 7,2 milhões de toneladas de trigo e exportar 2 milhões;
- 7) O preço médio ao produtor estadunidense de trigo, no novo ano comercial, ficaria em US\$ 6,00/bushel, contra US\$ 6,50 projetado em maio.

De forma geral, o mercado mundial do trigo busca estabilizar nos atuais níveis, diante do avanço da colheita nos EUA e outros países do Hemisfério Norte.

Já no Brasil, os preços continuaram subindo. No Rio Grande do Sul o saco de trigo de qualidade superior variou entre R\$ 69,00 e R\$ 70,00 na semana, enquanto no Paraná os mesmos se mantiveram em R\$ 70,00. Isso se dá pela baixa oferta do produto oriundo da safra velha. Por outro lado, os moinhos encontram dificuldades para repassar tais preços diante da impossibilidade em aumentar os preços da farinha ao consumidor final.

Assim, no Paraná as indicações de compra dos moinhos têm girado entre R\$ 1.370,00 e R\$ 1.400,00/tonelada CIF, enquanto vendedores trabalham com valores entre R\$ 1.400,00 e R\$ 1.450,00/tonelada FOB. O mercado acompanha o novo plantio, onde uma forte redução de área é esperada, assim como o comportamento do clima sobre as regiões produtoras.

Neste contexto, o plantio nacional teria atingido a 45,3% do total previsto para este ano, contra a média de 44,7%. Até o último dia cinco de junho o plantio já havia sido concluído em São Paulo e Mato Grosso do Sul, seguidos por Goiás e Minas Gerais (99%), Paraná (67%), Bahia (60%), Rio Grande do Sul (13%) e Santa Catarina (2,4%). Das áreas semeadas, 19,3% estavam germinadas (cf. Conab).

Enfim, o trigo argentino continua sendo a referência para as importações brasileiras, pois o vizinho país é o nosso principal fornecedor. As indicações FOB para embarques em julho permaneceram em US\$ 245,00 por tonelada, para o trigo com 11% de proteína, enquanto o Brasil já teria importado 4,49 milhões de toneladas entre agosto/25 e os primeiros dias de junho/26. Este volume está abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior, que foi de 5,33 milhões. Por sua vez, os estados brasileiros que mais importaram foram: Ceará, com 963.700 toneladas (21,5%); São Paulo, com 941.300 toneladas (21,0%); Bahia, com 633.400 toneladas (14,1%); e Pernambuco, com 575.900 toneladas (12,8%). Enquanto isso, entre abril e junho do corrente ano, 85,7% das importações vieram da Argentina, ou seja, 1,01 milhão de toneladas. Os outros fornecedores foram a Rússia, com 30.100 toneladas; Turquia, com 26.000 toneladas; e Uruguai, com 9.500 toneladas. “Enquanto a oferta da safra velha continuar limitada e a nova colheita ainda não ganhar ritmo, o mercado tende a permanecer sustentado, embora sem força suficiente para acelerar o volume de negociações. O comportamento da moagem, da demanda por farinha e da evolução da nova safra serão os principais fatores a definir a direção dos preços do trigo no segundo semestre” (cf. Safras & Mercado).